

Tribos virtuais: uma análise do uso das mídias sociais pelos movimentos indígenas

Rosinete Felix RIBEIRO¹

Resumo

O propósito deste artigo foi investigar o uso do Facebook pelos movimentos indígenas, visando analisá-lo como forma de mobilização política desenvolvida pelas organizações e os ativistas do movimento. Para isso, foram analisadas onze *fan pages*² ligadas ao movimento indígena, sendo selecionadas 35 postagens de cada perfil e suas respectivas interações, que totalizaram 644 comentários. Utilizou-se a técnica da Análise de Conteúdo para a realização do estudo. Com as análises, as palavras foram organizadas nas categorias: índios, lutas, direitos, internet, federação e diversos, sendo os termos mais frequentes: indígenas, povo, brasileiro, índios, cultura, terras, nacional e lei. Os resultados indicam que os movimentos indígenas fazem uso do Facebook como ferramenta para mobilização e aperfeiçoamento democrático a partir do ativismo político nas mídias sociais.

Palavras-chave: Índios. Mídias sociais. Facebook. Movimentos Sociais.

Abstract

The purpose of this article was to investigate the use of Facebook by indigenous movements, aiming to analyze it as a form of political mobilization developed by organizations and activists of the movement. For this, eleven fan pages linked to the indigenous movement were analyzed, being selected 35 posts for each profile and their interactions, which totaled 644 comments. We used the technique of content analysis to the study. With the analysis, the words were organized into categories: indigenous, folk, Brazilian, Indian, culture, land, and national law, with the most frequent terms: indigenous, people, Brazilian, Indian, culture, land, and national law. The results indicate that indigenous movements make use of Facebook as a tool for mobilization and democratic improvement from political activism in social media.

Keywords: Indians. Social media. Facebook. Social Movements.

¹Especialista em Assessoria de Comunicação. E-mail: rosafelix24@hotmail.com

²Páginas no Facebook direcionadas para um assunto específico.

Introdução

Os últimos acontecimentos midiáticos têm mostrado a importância das mídias sociais para a mobilização social, que além da capacidade tecnológica para transcender limites geográficos, sustentado através de constante troca de ideias e eventos no ambiente virtual, permitem mobilizações populares em torno das necessidades exigidas pela sociedade, que provocam mudanças na forma como as autoridades dão prioridades às demandas levantadas a partir dos protestos. A Revolução 2.0 como é chamada as mobilizações organizadas nas mídias sociais, sem uma liderança definida e que vão às ruas, são consequência da influência das mídias sociais na vida das pessoas e seu poder de ação política (CASTELLS; CARDOSO, 2005).

Assim, as mídias sociais se tornaram um dos principais meios de comunicação que a sociedade usa para protestar e reivindicar mudanças. Como os demais grupos, os movimentos indígenas usam essas ferramentas tecnológicas para se mobilizarem em favor de suas lutas.

A partir desse contexto, o presente projeto propõe investigar o uso das mídias sociais pelos movimentos indígenas, visando entender por que e como o fazem, com a finalidade de discutir a importância dessas novas ferramentas como meio de comunicação nos movimentos sociais étnicos. Assim, para um melhor esclarecimento da temática, detalhamos no transcorrer do texto o tema proposto.

Redes e mídias sociais

A utilização das mídias sociais deixou de ser um fenômeno comunicacional reservado para ser tornar algo cotidiano na vida das pessoas. A priori é necessário distinguir a diferença entre Mídias e Redes Sociais.

Redes sociais são, antes de tudo, relações humanas, o que significa dizer que essa relação sempre existiu, em casa, no trabalho, na escola; diferentemente de mídias sociais que são as plataformas ou ferramentas usadas para se dá a interação em rede no mundo virtual, como por exemplo: Twitter, Facebook, Instagram e tantos outros, ou

seja, os atores sociais formam as redes sociais e se conectam através das mídias sociais para gerar forças. Redes sociais virtuais são serviços que geram relacionamentos entre as pessoas de suas práticas cotidianas, que foram transferidas para o meio virtual. (AGUIAR, 2007).

De acordo com Aguiar (2007, p.2), redes sociais “são relações entre pessoas, as interações de indivíduos em suas relações cotidianas” e esta característica foi o motivo da criação das Mídias sociais, um espaço para as pessoas que se conheciam na vida real conversarem no meio virtual, no entanto, essa configuração foi expandida, agora pessoas que não se conhecem na vida real conversam como se fossem amigos e passam a fazer parte daquelas relações cotidianas. Para uma melhor compreensão, no desenrolar do texto, tratamos das redes sociais virtuais como mídias sociais.

A escolha do Facebook como mídia social para desenvolver esta pesquisa se justifica devido seu crescimento no Brasil, já que nos últimos anos se tornou a mídia mais acessada, de acordo com uma pesquisa feita pelo Ranking Alexa em 2012. Essas mídias sociais têm sido utilizadas, além do relacionamento interpessoal, para agrupamento de sujeitos que se unem com vistas a uma mobilização social.

Atualmente a imprensa tem noticiado que esses movimentos, que começam no meio virtual e saem às ruas, como pode ser visto na primavera árabe (SILVA, 2012; OLIVEIRA, 2012), em que protestos sociais foram organizados por meio das mídias sociais e culminaram na queda de regimes ditatoriais, a exemplo da Tunísia e do Egito.

As mídias sociais abrem novos horizontes de transformações e configurações políticas. Diversas possibilidades surgem sem a interferência editorial ou administrativa de algum meio de comunicação tradicional. Dentro de um cenário complexo e com poucas leis estabelecidas. Essas mídias permitem uma relação de transmissão de conteúdos, estruturadas em redes colaborativas espontâneas dentro da sua rede de amizades e que vai se abrangendo à medida que amigos de amigos compartilham essa informação, num sistema viral, como efeito bola de neve de difusão de informações (OLIVEIRA, 2012).

Segundo Rabelo (2010) as mídias sociais são vista como um conjunto de novos processos que contribuem para a renovação de movimentos que lutam por direitos democráticos, sociais e transformações políticas. De acordo com Lévy (1999) esse fato

possibilitou o fluxo da produção de conteúdo, dando a oportunidade de todos produzirem para todos, alterando a maneira de sociabilidade e interação entre os indivíduos da sociedade.

O ativismo dentro dos movimentos sociais ganhou uma poderosa ajuda com a internet e, conseqüentemente, as mídias sociais.

[...] a Internet é utilizada como um apoio, de forma a fortalecer outras formas de ação política que já ocorriam fora da Internet, como por exemplo, o uso de emails e de plataformas sociais para informar os militantes sobre uma manifestação presencial que está a ser programada. (PEREIRA, 2011, p.12).

As mídias sociais geraram formas novas para os cidadãos transmitirem informação e conteúdo de mobilização social sem ter a necessidade de consentimento das mídias tradicionais, dando com isso mais dinamismo ao movimento, ao passo que os conteúdos, reuniões e organização de eventos por meio das mídias sociais quando saem às ruas ficam ‘tangíveis’ para toda a sociedade. De acordo com Pereira (2011), mobilização desse tipo faz com que o poder público seja forçado a olhar para a situação, após ter tomado corpo nas ruas esses movimentos voltam às mídias sociais onde as discussões tomam novas dimensões.

Comunicação dos movimentos sociais

Nos últimos tempos as mídias sociais se tornaram um dos principais meios de comunicação que a sociedade usa para protestar e reivindicar mudanças no meio onde vivem. Como os demais grupos, os movimentos indígenas usam essas ferramentas tecnológicas para se mobilizarem em favor de suas lutas (FALLET, 2013).

O movimento social sempre esteve configurado como rede social, o que muda com as mídias sociais é que essa rede atua por meio da Internet, com isso a velocidade e a amplitude que o conteúdo exposto alcança, assim como a forma de participação, passou a ser horizontal e não mais piramidal. Agora, os participantes estão interligados, não há vontade individual e o que conta é a vontade coletiva. O que pode ser denominado de *rede de movimento social* (SCHERER-WARREN, 2006, p.113).

O fato dos movimentos sociais se organizarem por meio das mídias sociais, fez com que os meios de comunicação tradicional marcassem uma presença maior nessa plataforma, para ter acesso às informações que circulam nela e ao público que ela não consegue atingir (BENINI, 2011).

Outra característica dos movimentos sociais, que utilizam as mídias sociais, são as ações coletivas, em que as pessoas buscam afirma-se enquanto sujeitos geradores de conteúdos sociais (PRUDÊNCIO, 2003). Assim, o Facebook pode ser usado como uma ferramenta para melhorar o processo de democratização, difusão de conteúdos e também para a formação de um sujeito que busca a melhoria do seu ambiente social.

Movimentos sociais indígenas

O movimento étnico está intrinsecamente ligado aos movimentos sociais, uma vez que o movimento social é baseado em identidade étnica, portanto, política de identidade étnica, que é representada pela coletividade.

É dentro desse quadro conceitual que vem sendo usualmente tratada a questão da incorporação dos povos indígenas às sociedades nacionais, focalizada através das diferentes esferas de contradições e impasses (econômicos, político-jurídicos, socioculturais e éticos) que suscita. Mas a realidade atual é de um mundo globalizado, onde as sociedades mantêm fronteiras porosas, são atravessadas por múltiplos processos de diásporas e operam uma revalorização de identidades e saberes locais. (OLIVEIRA FILHO, 2000, p. 126).

Na terminologia de Castells (1999) a sociedade das redes é o que mais se adéqua ao momento atual das mídias sociais, onde surgem as articulações com outros grupos para chamarem a atenção para suas causas, essas redes formadas no meio virtual transpassam fronteiras geográficas e físicas, para muitos conservadores, talvez, não aprovelem a ideia de que é possível hoje desassociar as mídias sociais da vida das pessoas. No entanto, esta abertura de novos espaços configura um duplo desafio para os índios, se por um lado viabiliza seu espaço, por outro controla a difusão de suas próprias vozes numa mídia que de certo modo manobra as falas sobre os índios em detrimento da fala dos índios, uma vez que nem todos têm sequer acesso à Internet.

A mídia tradicional e a maioria da sociedade brasileira perpetua uma dualidade histórica de confronto entre índios e brancos, índios e fazendeiros, índios sendo pautado como invasores de seus próprios espaços, quando na verdade estão lutando por ele, protestando por algo que é seu, que lhes foram tirados em detrimentos de interesses outros. De acordo com Brum (2013) essa parcela da população dificulta ou o próprio Governo encobre o interesse em reconhecer os indígenas como parte integrante do Brasil.

Essa impossibilidade de serem ouvidos como parte integrante do Brasil faz surgir um caso, denominado por Brum (2013) como “estrangeiros nativos”. É um curioso caso de xenofobia, no qual aqueles que aqui estavam são vistos como os de fora, como “os outros”, a quem se dedica enorme desconfiança, e os que permanecem lutando são vistos com “olhos tortos” por alguns setores da sociedade.

Esses atores estão fora do discurso dos grandes meios de comunicação, e, quando aparecem, são mostrados com visões parciais, não lhe são dados vozes, as vozes que ouvidas são dos órgãos que se intitulam representantes dos índios, como se eles fossem destituídos de autonomia para falarem por si, negando-lhes a posse de uma voz própria (BRUM, 2013).

Essa falta de poder de voz, além das questões das lutas pelas terras, culturas e direitos, entre outros, são os motivos pelos quais os movimentos sociais étnicos indígenas fazem protestos, organizam manifestações, sejam elas nas mídias sociais ou nas ruas, processo esse que busca afirmação da política de identidade étnica.

O encontro entre esses grupos e outras tribos, outras minorias étnicas ou brancos colonizadores pode ser chamado de *contato interétnico*. O sistema de relações sociais e simbólicas que resulta da convivência entre duas tribos diferentes, ou entre uma delas e os brancos, pode ser um sistema interétnico, e um dos seus componentes é a identidade étnica. (BRANDÃO, 1986, p.46).

A imediatividade, a capacidade de atingir indivíduos nos mais remotos locais e a construção de redes faz com que as mídias sociais sejam particularmente úteis no processo de mobilização para ações políticas. “Esse processo se dá tanto pelo apelo às identidades hegemônicas quanto pela resistência dos movimentos sociais, ao colocar em

jogo as identidades que ocupam espaços à margem da sociedade” (RONSINI e OLIVEIRA, 2007, p. 3).

Método

O trabalho se estruturou como uma pesquisa quanti-qualitativa. Quantitativamente foram verificados o número de seguidores das *fan pages*, assim como as postagens, comentários, curtidas e compartilhamentos. De forma qualitativa foi usado o método de Bardin (2000) para fazer uma Análise de Conteúdo das postagens e seus respectivos comentários pelos seguidores das comunidades. A Análise de Conteúdo pode ser definida como uma metodologia quantiquantitativa de exame de dados textuais (FONSECA JÚNIOR, 2010; SOUZA, 2006), utilizando estratégias de frequência, naturais das pesquisas quantitativas, e valorizando a inferência do corpus analisado (BARDIN, 2000), característica do método qualitativo.

Amostra

Foram selecionadas para esta pesquisa 11 fan pages que abordam temas sobre os movimentos indígenas, destas comunidades foram selecionados 385 posts, sendo 35 de cada fan page e seus respectivos comentários, totalizando 644 comentários

Para se chegar à escolha das páginas no Facebook que usam o índio como tema, foi necessário utilizar palavras chaves que fazem referência a esse universo, tais como: índios, etnia, Belo Monte, nativos, indígenas, povos indígenas, entre outras. A análise do corpus se deu em três etapas: categorização, verificação de associações e construção de uma nuvem de palavras.

Análise dos dados

Para a análise dos dados foi utilizada a Análise de Conteúdo (BARDIN, 2000), com o apoio do software *R-Estatístico*, por meio do pacote *R-temis* que foi empregado para a tabulação de dados e categorização dos termos analisados.

Resultados

Com as análises foi possível verificar que as 11 páginas selecionadas foram responsáveis pela divulgação direta de conteúdo para 39.728 seguidores que curtem as *fan pages*. Os 385 *posts* escolhidos para a análise geraram 644 comentários, 8.196 curtidas e 14.659 compartilhamentos, o que revela o poder de propagação viral das informações indígenas, como detalhado na Tabela 1.

Tabela 1 - Detalhamento das páginas, posts e comentários analisados na pesquisa.

<i>Fan pages</i>	Seguidores	Curtidas*	Comentários*	Compartilhamentos*
Belo Monte - Anúncio de uma Guerra	10985	3030	153	3114
Conselho Indigenista Missionário	6474	213	10	444
Centro Indígena	5483	732	76	1268
Povos Indígenas no Brasil	4527	630	37	661
A Educação Superior Indígena	2839	175	8	226
Indígenas do Brasil	2256	1269	216	1332
Salve Índios	2095	989	35	1087
APIB Brasil	1990	123	31	314
Movimentos Indígena em Ação - MIA	1036	277	14	583
Associação Nacional Ação Indigenista	388	239	10	164
Raízes Históricas Indígenas	1655	519	54	5466
Total	39.728	8.196	644	14.659

Nota: * valores referentes aos *posts* selecionados para esta pesquisa.

Categorização das palavras

Tabulados e analisados os dados, foram encontrados 8415 termos únicos no corpus analisado. Estes termos foram organizados de acordo com a frequência e temática. O que gerou seis classes distintas, sendo elas:

Índios – Esta categoria apresentou 24 palavras com frequência acima de 30 repetições, totalizando 1858 termos. São exemplos desta categoria, as palavras: “índios”, “indígena”, “Guarani”, “comunidade”, “lideranças” entre outras. Estes termos se referem ao universo indígena. A presença do termo “abril” nessa categoria é devido a sua importância para os índios, pois é nesse mês que eles promovem várias manifestações pelo Brasil, o chamado “Abril Indígena”. O termo indígena, de maior

saturação da amostra, está relacionado a todos os movimentos, tanto reivindicatório ou de demonstração cultural, como pode ser visualizado nos fragmentos abaixo:

“Com o objetivo de fortalecer a mobilização nacional em defesa dos territórios e direitos indígenas, mais de 600 representantes de vários povos indígenas de todas as regiões do Brasil participarão do Abril Indígena, que acontecerá entre os dias 15 e 19 deste mês, em Brasília”.

Lutas – Esta categoria apresentou 20 palavras com frequência acima de 33 repetições, totalizando 1193 termos. São exemplos desta categoria, palavras como: “terras”, “aldeia”, “Belo Monte”, “força”, “Maracanã”, entre outras. Essa categoria engloba as várias questões pelas quais os índios e os movimentos indígenas se mobilizam. Os termos que estão relacionados com essa categoria envolvem todas as áreas da vida indígena que estão em conflitos, como descrito no exemplo abaixo.

“Violência da PM no despejo de indígenas da Aldeia Maracanã na manhã desta sexta-feira, quando parlamentares tentavam uma solução negociada para a desocupação da Aldeia Maracanã, a tropa de choque da polícia militar invadiu o terreno e agrediu indígenas e manifestantes, usando balas de borracha, spray de pimenta, bombas de efeito moral e gás lacrimogêneo, e até uma arma sônica instalada no alto de um blindado da PM”.

Direitos – Esta categoria apresentou 12 palavras com frequência acima de 32 repetições, totalizando 702 termos. São exemplos desta categoria as palavras: “cultura”, “lei”, “direitos”, “saúde”, “educação”, “MPF”, entre outras. Abordam questões reivindicadas pelos índios. São palavras que se referem as questões legais dentro do universo indígena, que geram discussões na sociedade, pois geralmente são direitos descumpridos. MPF é um termo que aparece com frequência, visto que é para esse órgão que as instituições que lutam a favor dos índios recorrem para fazer valer seus direitos. Na análise, o MPF se mostrou mais favoráveis aos direitos dos índios. Como podemos ver a seguir:

“Em maio de 2012, o MPF ajuizou ação civil pública contra a Vale, a Secretaria de Meio Ambiente do Pará (Sema) e a Fundação Nacional do Índio (FUNAI) pedindo a suspensão imediata das atividades da Mineração Onça-Puma, empreendimento de extração de níquel da

Vale em Ourilândia do Norte, no sudeste do Pará, até que sejam cumpridas as medidas de compensação e redução dos impactos sobre os índios Xikrin e Kayapó. O MPF também quer a condenação da Vale ao pagamento de todos os danos materiais e morais causados aos índios desde maio de 2010, prazo em que o empreendimento funcionou sem cumprir as medidas compensatórias (também chamadas de condicionantes). As indenizações devem ultrapassar R\$ 1 milhão por mês para cada comunidade afetada”.

Federação – Esta categoria apresentou 16 palavras com frequência acima de 33 repetições, totalizando 1171 termos. São exemplos desta categoria palavras como: “Brasil”, “povos”, “federal”, “governo”, “polícia”, “Funai” entre outras. Palavras que permeiam todas as esferas do poder, encontradas em muitas postagens, mas que na análise abordam mais o lado do Governo, como é o caso da “Funai”, que apesar de ser um órgão de proteção dos índios, é subserviente às decisões do Governo.

Os termos encontrados envolvem assuntos que ocorreram com indígenas em todo território nacional e com vários setores do Poder Público, como pode ser observado a seguir:

“(…) Desde o começo do ano o país tem agido de forma inconstitucional sobre o direito das comunidades indígenas, como a PEC 215 e conseqüentemente a Portaria 303. As entidades vinculadas ao Governo Federal têm agido de forma arbitrária e sem nenhuma característica ética sobre o próprio trabalho desenvolvido pelos seus representantes. A formulação da Portaria, completa nesta semana, dois meses da sua assinatura feita diretamente pelo Advogado Geral da União (AGU), Luís Inácio Lucena Adams, e entra para votação na próxima segunda-feira (24)”.

Internet – Esta categoria apresentou 5 palavras com frequência acima de 31 repetições, totalizando 453 termos. São exemplos desta categoria termos como: “www”, “org”, “facebook”, “rede”, “socioambiental”, entre outras. São palavras que se referem ao meio virtual. O termo “Socioambiental” foi colocada nessa categoria por ser um site muito citado nas postagens. Os termos dessa categoria foram encontrados com menor frequência, porém mostram o uso das mídias sociais que contribuem com o movimento indígena.

“Gente muito obrigado por vcs estarem mandando convite p este facebook. Creio que vcs querem saber mais sobre indígenas do brasil. E como é as histórias de como é que os ORG do governo trata e como os indígenas vive...”

Diversos – Esta categoria apresentou 21 palavras com frequência acima de 32 repetições, totalizando 930 termos. São exemplos desta categoria, as palavras: “feira”, “grande”, “hoje”, “vamos”, entre outras. Envolvem palavras que circulam por todas as categorias e com aplicações diversas. São termos que aparecem com frequência nas amostras, mas com significados variados dentro do tema abordado.

Discussões parciais

A partir das análises e com base no referencial teórico, a pesquisa apresenta indícios que confirmam o uso das mídias sociais, neste caso o Facebook, pelos movimentos indígenas. Essa mídia social contribui para a renovação de movimentos que lutam por direitos democráticos sociais e transformações políticas, ou seja, o uso da internet para criar, recriar e movimentar conteúdos (RABELO, 2010).

A análise sugere que os atores do movimento indígena encontraram novas possibilidades de se fazerem visíveis na sociedade, tendo as mídias sociais como plataformas para suas reivindicações, sem a interferência editorial ou administrativa de algum meio de comunicação tradicional.

Outro fato apontado pela análise faz referência à morosidade do Governo em resolver as situações indígenas. A FUNAI que na teoria é o órgão responsável pela defesa e manutenção dos direitos indígenas, nem sempre representa essa responsabilidade, ficando a cargo do Ministério Público Federal (MPF) a obrigação de intervir nas situações de descumprimento de leis, postergando os conflitos.

A força das mobilizações sociais indígenas organizadas nas mídias sociais mostrou na pesquisa que, além de possibilitar a comunicação, elas permitem uma relação de transmissão de conteúdos produzidos por eles, como também, divulgação de suas culturas, estruturadas em redes colaborativas espontâneas dentro do círculo amigáveis e que vai se abrangendo à medida que amigos de amigos compartilham as informações (OLIVEIRA, 2012).

As categorias e termos analisados mostram a luta dos movimentos indígenas e confirmam o que Brum (2013) denominou como “xenofobia invertida” as percepções distorcidas sobre as demandas dos índios brasileiros.

As mobilizações das comunidades indígenas nas mídias sociais mostram à diversidade de reivindicações que precisam ser colocadas em prática. As ações fortalecidas com o uso das mídias sociais possibilitam aos índios se reafirmarem como sujeito social e tal processo aponta para um possível o nascedouro de uma “primavera” indígena no cenário brasileiro, mediada pela Internet.

Considerações finais

As mídias sociais mostram um caminho sem volta na vida das pessoas, mas, particularmente, na comunicação organizacional e nos movimentos sociais, cabe aos profissionais da comunicação converter essas mídias em ferramentas de trabalho, para aproximar as instituições de seus públicos.

As manifestações sociais não vão acabar, pelo fato de ser inerente ao ser humano se indignar, mostrar insatisfação, principalmente quando os motivos são factuais. Como tal, os movimentos sociais indígenas fazem parte desse grupo de insatisfeitos com as ações políticas adotadas, que buscam mais reconhecimento, maior visibilidade nos espaços públicos. De modo que, uma medida adotada para alcançar seus objetivos é usar as mídias sociais, mas não basta só usar a mídia social indiscriminadamente. Já que uma das conclusões que se pode tirar dos dados analisados é a falta de uma orientação direcionada (ou mesmo profissional) das informações, sendo o *corpus* constituído basicamente de comunicações soltas divulgadas sem o devido controle e acompanhamento dos efeitos.

Neste ponto, sugere-se que os movimentos indígenas necessitam utilizar os modelos e ferramentas comunicacionais, a exemplo da Assessoria de Comunicação, para que as mídias sociais possam ser um diferencial significativo em favor dos índios.

Durante a pesquisa, foi possível perceber que a Assessoria de Comunicação dentro dos movimentos sociais indígenas não foi citada ou simplesmente não existe. O que pode significar a falta de profissionais interessados pelo tema ou o desconhecimento dos movimentos sobre esses profissionais, visto que são uma função importante dentro de qualquer setor, entre eles as mobilizações sociais organizadas.

Ao mesmo tempo em que essas manifestações serviram para unir a sociedade num objetivo comum, reescrever e por algum tempo mudar o centro gravitacional sociopolítico do país, serviram também, para que o Estado veja posições adotadas e que tais mudanças sejam refletidas para a população. Talvez, se os direitos no que se refere aos índios tivessem sido cumpridos, essas mobilizações teriam objetivos diferentes.

A presença das mídias sociais no cotidiano das pessoas é inegável e é preciso que as instituições aceitem a necessidade da sua inserção nos meios digitais, invistam em comunicação especializada na área para alcançar seu público e obter o retorno de suas ações.

Referências

AGUIAR, Sônia. **Redes sociais na internet: desafios à pesquisa**. Trabalho apresentado no VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação – NP Tecnologias da Informação e da Comunicação no XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom. Santos/SP – 29 de agosto a 2 de setembro de 2007.

BARDIN, Laurence. (1977) **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2000.

BENINI, Rosi. Branding online e engajamento do consumidor. In GIARDELLI, Gil. (Org.). **Redes Sociais e Inovação Digital**. São Paulo: Gaia Creative, 2011.

BRUM, Eliane. Índios, os estrangeiros nativos. **Revista Época**. Caderno Sociedade, 10 jun. 2013. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com//Sociedade/eliane-brum/noticia/2013/06/indios-os-estrangeiros-nativos.html>>. Acesso em: 20 jun.2013.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Identidade e etnia: construção da pessoa e resistência cultural**. Brasiliense: São Paulo, 1986.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999. Vol. 1.

CASTELLS, Manuel; CARDOSO, Gustavo. **A Sociedade em Rede Do Conhecimento à Ação Política**. Creative Commons Attribution NonCommercial-NoDerivs 2.0 License. 2005. Disponível em: <http://www.egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/anexos/a_sociedade_em_rede_-_do_conhecimento_a_acao_politica.pdf>.

FALLET, João. Índios usam mídias sociais para fortalecer voz própria. **BBC Brasil**. Caderno Brasil, 04 jun. 2013, Disponível em:

<http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2013/06/130531_indios_mobilizacao_pai_jf.shtml>. Acesso em 12 jun. 2013.

FONSECA JÚNIOR, Wilson Corrêa. Análise de Conteúdo. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2010. p. 280-304.

LÉVY, P. **Cibercultura**. Ed. 34. São Paulo-SP. 1999.

OLIVEIRA, Letícia de. **Revolução Facebook**: em que medida as redes sociais na internet interferiram na deflagração da chamada Primavera Árabe? Monografia de Especialização. Universidade de Brasília, 2012. Disponível em: <http://bdm.bce.unb.br/bitstream/10483/3804/1/2012_LeticiaOliveira.pdf>. Acesso em: 06 maio 2013.

OLIVEIRA, J. P. Cidadania e globalização: povos indígenas e agências multilaterais. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 6, n. 14, p. 125-141, nov. 2000.

PEREIRA, Marcos Abílio. Internet e mobilização política: os movimentos sociais na era digital. **COMPOLÍTICA- Associação Brasileira de Pesquisa em Comunicação e Política**. IV Encontro da Compolítica - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, de 13 a 15 de abril de 2011.

PRUDENCIO, Kelly C. S. Mídia e movimentos sociais contemporâneos: A luta do sujeito pela construção do significado. **Revista Comunicação & Política**. Rio de Janeiro: Cebela, volume X, número 3, setembro/dezembro de 2003.

RONSINI, Veneza Mayora; OLIVEIRA, Vanessa de. Política de identidade e mídia. In: **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação - COMPÓS**. Vol.10, 2007.

RABELO, Leon. **As Mídias Sociais e a Esfera Pública**: Mudanças de Paradigma na Comunicação Contemporânea. Trabalho apresentado no DT 08 – Estudos

Interdisciplinares de Comunicação, no XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste- Intercom.Goiânia/GO- realizado de 27 a 29 de maio 2010.

RANKING Alexa - medição feita pela empresa Amazon e com dados abertos. Disponível em <<http://www.ebc.com.br/tecnologia/2012/09/saiba-quais-sao-as-cinco-redes-sociais-mais-acessadas-do-brasil>>. Acesso em: 12 mar. 2013.

SCHERER-WARREN, Ilse. Das mobilizações às redes de movimentos sociais. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 21, n. 1, p. 109-130, jan./abr. 2006.

SILVA, Felipe Rosa da. As mídias sociais na primavera árabe: Os desdobramentos do uso das redes sociais na Tunísia. **Estudos Pela Liberdade**, Setembro 2012, n. 2, p. 32-47.

SOUSA, Jorge Pedro. Pesquisa Comunicacional. In: _____ **Elementos de Teoria e Pesquisa da Comunicação e dos Medias**. 2. ed. Porto, 2006, p. 605-762.